

Entrevista: Sônia de Camargo

MERCOSUL

A era das incertezas

BARBARA AXT, DANIEL VILLAÇA E RODRIGO AÔR

Adriana Trivelato

União para alcançar força e prosperidade. Impor-se além dos limites designados por outras nações. Controlar a própria existência. Simon Bolívar deveria ser o patrono do Mercosul (Mercado Comum do Sul). Seus ideais, séculos após sua morte, foram resgatados sem o devido crédito àquele que foi o grande herói da América Latina.

Mas boas intenções não contam e o Mercosul vem hoje enfrentando dificuldades para se sustentar. Os países latinos reconhecem sua importância estratégica frente aos grandes blocos econômicos americanos e europeus. Mas disputas de poder, crises internas e o assédio da Alca (Área de Livre Comércio das Américas) podem pôr tudo a perder.

Eclética entrevistou a professora Sônia de Camargo, doutora em Ciência Política pela USP e diretora do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio. Ela faz um relato claro do que é o Mercosul, qual sua importância para a América Latina e o papel do Brasil nisso tudo. Para o leitor atento, as recentes declarações de FHC contrárias à Alca farão mais sentido, graças à sua contextualização com os interesses globais despertados pelo Mercosul.

ECLÉTICA - Qual era o objetivo inicial da criação do Mercosul?

Sônia de Camargo - O início do processo de união da América Latina se



deu na década de 60, com a CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina. Mas o Mercosul propriamente dito começou a tomar forma com o tratado assinado por Brasil e Argentina no início da década de 90. Este tratado tinha objetivos econômicos, políticos e estratégicos. Mas, antes de tudo, o objetivo principal era que, através de uma política de cooperação, os países pudessem ampliar economias e seu comércio interno para se desenvolverem economicamente de forma estável. Outro ponto importante foi a tentativa de resolução dos muitos conflitos até então existentes entre Brasil e Argentina, os dois maiores países da parte sul do continente, que competiam pela hegemonia na Bacia do Prata. Além disso, havia o objetivo político de consolidar uma liderança compartilhada na América Latina.

ECLÉTICA - E estes objetivos vêm sendo alcançados?

S. de Camargo - Alguns sim, outros

não. Todos os processos históricos de integração são lentos e carregam em si mesmos a possibilidade de recuo. A União Européia, por exemplo, está com 50 anos e continua resolvendo seus problemas. Hoje, trata-se de um bloco com um mercado comum consolidado e uma moeda única, mas que ainda tem sua união política muito prejudicada por inúmeros conflitos. E estes poderão se ampliar muito em breve, já que as li-

deranças da União Européia pretendem expandi-la para a Europa Oriental, onde mais de dez países esperam para ser integrados. Enfim, o que eu quero dizer é que todos os processos precisam de muito tempo para se concretizar. O Mercosul teve, durante estes anos, avanços comerciais bastante significativos. No momento, a crise argentina e a mudança na política macroeconômica brasileira, com a desvalorização do real em relação ao dólar, são questões que influem enormemente na relação entre todos os países do bloco, pois refletem em todas as atividades da área econômica. Até agora, o Mercosul não se constituiu como um Estado, mas apenas como uma união aduaneira em que todos os países terão uma mesma política externa, com o mesmo nível de tarifas. É imperfeita, porque nem todos os bens entram neste acordo. A realidade é que o Mercosul ainda não é um mercado comum consolidado.

ECLÉTICA

2 - JUL/DEZ 2000

ECLÉTICA - O Mercosul tem sido vantajoso para todos os países que o integram?

S. de Camargo - Ao contrário do que se costuma pensar, acho que é mais vantajoso para os países menores do que para os maiores. O Brasil, por ter uma economia de maior importância, necessita menos do Mercosul, em termos financeiros e comerciais, do que os países menores. O Uruguai sem o Mercosul é o que? Nada. E o Paraguai muito menos. Mas claro que, para o Brasil, também é importante pela questão estratégica e política. No momento em que se discute muito a forma de se administrar a globalização, um grupo de países que se junta para se inserir melhor nela tem mais força do que os países individualmente. No futuro, a idéia é que esta associação se estenda pela América do Sul, englobando a Comunidade Andina, muito mais como um projeto político e estratégico do que econômico. Qual a força econômica da Comunidade Andina em relação ao Brasil? Pouca, porque nós já importamos gás da Bolívia e petróleo da Venezuela, sem precisar de um acordo. Essa coesão entre os blocos é importante, entretanto, para que os países da América do Sul se posicionem ao lado do Governo Brasileiro na questão da Alca, que seria a integração hemisférica com a liderança americana. Há uma competição muito acirrada entre a União Européia e a Alca por um acordo com o Mercosul, que lhes possibilitaria ter acesso a todo o mercado consumidor da América do Sul. Recentemente, o Mercosul assinou um acordo com os europeus mas, aparentemente, o interesse do Brasil é se abrir para todas estas frentes, dando preferência aos países do Cone Sul.

ECLÉTICA - Em quanto tempo o Mercosul pode se ampliar para toda a América do Sul? Existe a possibilidade dele englobar países da América Central, já que a situação destes se aproxima muito mais à dos países sul-americanos

do que dos norte-americanos?

S. de Camargo - Isso é complicado, não se sabe ainda muita coisa a esse respeito. Por enquanto, o acordo mais próximo é com os países andinos (Bolívia, Venezuela, Equador, Peru e Colômbia), uma vez que já existe um bloco formado entre eles. O acordo de Cartagena, que deu origem à Comunidade Andina, vem desde os anos 70 e garante a estes países uma forma de integração diferente da dos países do Mercosul. Eles têm mais instituições criadas do que efetivamente uma integração econômica ou comercial. Foi o processo contrário ao do Mercosul. Já o caso de Chile e Bolívia é diferente. Eles se incorporaram como países associados ao Mercosul, mas sua inclusão como membros integrantes do bloco ainda está sendo estudada. O Chile, por ser um país mais aberto e que tem, pelo Pacífico, muita relação com o Nafta (Acordo de Livre Comércio da América do Norte), não quer aumentar suas tarifas externas caso entre no Mercosul. Então não se sabe como o governo do país vai se situar. Sua agenda de política externa é dar prioridade ao Mercosul, mas ainda não está muito claro como isso será feito, já que eles querem fazer parte apenas da zona de livre comércio. No caso da Bolívia, a questão é que o país já pertence à Comunidade Andina.

"O Brasil sempre se isolou dos outros países da América Latina por causa do seu tamanho, e não por razões culturais"

ECLÉTICA - A integração dos países de língua espanhola entre si é mais fácil do que a integração do Brasil com estes países? Porque o Brasil sempre deu a impressão de estar "de costas" para os vizinhos de língua espanhola...

S. de Camargo - Mas este não é um problema de razões culturais ou políticas. A questão é o tamanho. O Brasil é praticamente um continente, então sempre esteve fechado em si

mesmo, por ter um enorme mercado interno potencial. Potencial porque, apesar do território e da população serem enormes, a maior parte destas pessoas está fora do mercado. Este isolamento vem do fato de que o Brasil nunca teve a necessidade de se relacionar com os outros países da América Latina. E as questões culturais acabam não sendo muito importantes, devido às características preponderantemente econômicas do Mercosul. Mas com certeza é bom que esta situação esteja mudando, porque apesar do Brasil ser uma potência local, é benéfico ter acordo com outros países. Neste cenário de globalização, em que todos pregam o livre comércio e o não-protecionismo, os países centrais continuam se fechando e se protegendo. Então, para o Brasil é muito importante se associar aos países vizinhos, para que todos tenham mais força, tanto econômica quanto política, na hora das negociações no cenário mundial. E é claro que os acordos também nos favorecem na hora de comercializar com os países vizinhos. Os países do Mercosul estão, através de acordos, se abrindo reciprocamente, algo que não acontece com os países centrais.

ECLÉTICA - O Brasil pode ser considerado o líder do Mercosul?

S. de Camargo - Pode. Afinal, é o país com a maior economia do bloco. A Argentina não aceita isso muito bem, mas está enfraquecida demais para competir. A única possibilidade seria a Argentina fazer um acordo com os EUA, o que também não seria vantajoso, já que ela acabaria perdendo o mercado brasileiro.

ECLÉTICA - Recentemente houve discussões sobre a política de impostos entre o Mercosul e os EUA, já que eles pregam a diminuição destes impostos de importação mas não agem assim. Seria uma reação madura do Mercosul tomar também uma atitude protecionista?

S. de Camargo - Não sei qual seria a melhor atitude. De qualquer maneira, esta união com os EUA (a Alca)

é complicada porque, se os países da América do Sul tivessem um certo poder de negociação, seria possível definir algumas das políticas de impostos, ter voz e participação efetiva nas negociações com os EUA. Isso tudo deve ser discutido na Organização Mundial do Comércio (OMC), da qual os EUA também participam. A posição mais vantajosa para o Brasil é ampliar ao máximo os parceiros comerciais. Por exemplo, atualmente o governo brasileiro tem tido como um parceiro bem interessante a África do Sul. Quanto maior o número de parceiros comerciais do Brasil, menor vai ser a dependência do país em relação a uma só potência. Atualmente o Brasil também está negociando com a União Européia, mas é muito complicado estabelecer acordos comerciais com a França, que é um país agrícola e muito fechado aos produtos estrangeiros. Mas a União Européia está extremamente interessada em fechar acordos com o Mercosul. Afinal, os EUA e a Europa estão disputando todo o mercado latino-americano.

"Os EUA e a União Européia estão disputando o mercado latino americano"

ECLÉTICA - Do que depende a ampliação do Mercosul? Há pré-requisitos para um país entrar?

S. de Camargo - O único requisito é a questão democrática. Recentemente, tivemos uma tentativa de golpe no Paraguai e os presidentes de Brasil, Argentina e Uruguai foram imediatamente lá para evitar maiores problemas, caso o país deixasse de ser democrático. Mas isso também é uma questão complicada. O que é democrático e o que não é? Os países estão em uma crise interna muito séria, não só econômica, mas política.

ECLÉTICA - Existem muitos conflitos comerciais dentro do

Mercosul, principalmente com a Argentina. Eles chegam a ameaçar a estabilidade do bloco?

S. de Camargo - A Argentina já fez tentativas de entrar no Nafta e na Alca, mas os países centrais são muito fechados. Não há projeto maior que o do Mercosul para o qual se poderia avançar. Logo, os dois governos estão se esforçando para resolver esses conflitos diplomaticamente, já que não há um órgão específico para isso.

ECLÉTICA - Qual sua opinião sobre o que poderia acontecer quando a Alca se concretizar?

S. de Camargo - Pelo que podemos ver sobre a experiência européia, é possível concluir antes de tudo que o processo de criação de blocos econômicos é sempre um processo muito complicado. Talvez os países do Mercosul devessem antes resolver seus inúmeros problemas internos. Mas é fato que as negociações vão continuar, e serão feitos alguns acordos pontuais com os EUA. Em breve, este assunto vai ser novamente discutido em Toronto, Canadá. Apesar de oficialmente o Brasil estar negociando sua entrada na Alca, os setores ligados ao governo acreditam que o Brasil não deveria participar do bloco. Nós temos força para liderar os outros países do continente, mas não se sabe se os EUA vão fazer acordo separadamente com cada um deles. Isso acabaria com a liderança do Brasil no continente. Há quem pense também que a Alca é totalmente incompatível com o Mercosul, que seria destruído pelo bloco maior; e há quem acredite também que Alca e Mercosul vão coexistir. Apesar de tudo, alguns progressos já foram alcançados. Havia uma cláusula no acordo que instituía que os países não Alca não poderiam participar de outros blocos econômicos.

Ela foi derrubada, permitindo que haja outras associações paralelamente. O objetivo final dos EUA é uma hegemonia de todo o continente, criando um "mercado comum", o que significa o livre trâmite de pessoas, de capitais, de bens. A União Européia também está muito preocupada com o que pode acontecer se a Alca vier a se concretizar.

"O Mercosul acaba sendo mais vantajoso para os países menores do que para os maiores, como o Brasil"

ECLÉTICA - Há algum caráter social e educacional no Mercosul? Até agora só se falou no econômico.

S. de Camargo - Os países estão lidando com o modelo econômico liberalista, diferente do Estado de bem estar social, que está em declínio no mundo. Este novo modelo cria uma diferença social enorme, e os modelos de integração do Mercosul estão dentro do modelo de economia globalizada - é uma globalização em nível regional. De qualquer forma, existe uma política educacional no Mercosul: já se assinaram vários protocolos e há também uma cláusula social, mas o cumprimento efetivo destas normas ainda está bem distante. Afinal, se não existem tais iniciativas nos países individualmente, muito menos provável é que existam no bloco como um todo.

